

QUINTA-FEIRA
Lisboa -- 18 de Novembro - 1926

5 TOSTÕES



28

sempre

fixe

sem
fume

ALVARÉS
1926

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 195
RUA DA ROSA, 57

A PROVA DOS NOVE

1911



1

1915



2 tres

1915



3 seis

1918



4 dez
noves fóra um e

1918



5 seis e

1919



6 doze
noves fóra tres e

(O CAMPEÃO)

1923



7 dez
noves fóra um e

1925



8 →

1926



9 NADA

F. Valença



Os ditos da semana



Outro dia, ia num carro electrico, quando um cavalheiro respeitavel de aspecto e de forma me pediu lume. Entreguei o meu cigarro a uns dedos elegantes, aristocraticos, onde dois brilhantes fuzilavam com insistencia e insolencia. Uma atençaõ de espirito é como uma esmola que se dá: sentimo-nos melhores, mais reconciliados com a vida, emfim, mais leves. Fiquei contente com o meu gesto, mas quando cheguei a casa verifiquei que, de facto, tinha ficado mais leve. Desaparecera-me a carteira. Confesso que não me assustei. Não levava dinheiro. Apenas alguns documentos com que é de uso viver em Lisboa: cautelas, um bilhete de identidade e o retrato da Lola, purificada dum sorriso trémulo e enganador de pureza.

Não pensei mais no caso. A noite, a criada da pensão advertiu-me que um cavalheiro respeitavel, com dois brilhantes nos dedos, me esperava na saleta. Bebi á pressa o café, soletrei uma piscadela de olho para uma vizinha já reformada em amor e entrei na saleta com cara de poucos amigos.

—Então é você o ladrão da carteira?

—Perdão, excellentissimo senhor! A minha profissão tem sido bastante desacreditada pela policia, onde se refugiaram alguns dos meus camaradas, mas não merece esse epiteto banal e insultante. Sou um gatuno amador, scientifico, versado em novelas policiaes.

É com tristeza: Mas não posso, não posso exercer dignamente a minha profissão.

Mais interessado e amenizado, perguntei:

—Porquê?

—Por falta de materia prima. Por uma concorrência desleal. Hoje, no nosso país, confunde-se tudo. Aperto a mão a um colega e mais tarde recebo uma carta dele, timbrada duma repartição, de um *bureau* de comissões e consignações, muitas vezes com braço, esquartelado. Aqui tem a carteira. Devolva-lha. Tome cuidado quando dê lume no electrico a qualquer passageiro. Nem todos são honestos...

—Como o senhor!

—Ainda o duvida?

—Não duvido; afirmo.

—É um pouco exagerado!

Achei demais a impertinencia e redargui serenamente, olhandó a lei em bronze, com

as duas balanças tortas, que estava mal parada a um canto da saleta.

—E se eu chamasse a policia?

—Incomodava-a sem resultado. Já me conhece. Tem tido muito trabalho comigo. Seja delicado. Em que lhe posso ser util?—disse o cavalheiro respeitavel, calçando as luvas.

—Primeiro, em não me tornar a roubar. Segundo, em contar-me um episodio da sua vida, para não dar por inutil o seu conhecimento obrigatorio.

O visitante descalçou as luvas, acendeu um magnifico cigarro egipcio. Mandeí vir café e *cognac* e fui lá dentro a sala de jantar, pedir ao Teles, que estava concretizando a criada com apertões e uma assustadora voz de baritono, que fosse mais discreto no

seu talento vocal. Quando voltei, o meu já glorioso amigo começou:

—A arte de roubar, que já se vai perdendo, tem o misterio como atractivo essencial, e o dinheiro como efemera contingencia. A mim entusiasma-me os roubos grandes, dificeis, arriscados. Tenho a paixão das joias

Apontando para os dedos: —Sabe como roubei estas pedras?

—São tão puras que desconhecem a origem!

Uma frase pretenciosa,— desculpe o termo, minha cara e *inutil vitima* desta tarde. Vamos á historia: Conheci uma actriz francesa que tinha lindas pedras e um conde, de predilecções intermitentes, que lhe dera um magnifico castelo em Anjou. Travei relações com os dois, e um verão fomos caçar patos

para a sua rica propriedade. Era obrigado a retirar-me para Portugal. A actriz já tinha suficientemente depenado o pato. Comia-o a todas as refeições, de parçaria comigo. Não se pode ser mais gentil com um amigo senão partilhando-lhe inteiramente os viveres. Uma noite despedi-me dos dois. Mandeí seguir as malas para a estação do caminho de ferro. Perdi, propositalmente, o comboio, e, ás três da madrugada, quando a actriz me estava substituindo pelo cocheiro, entrei no seu *toilette* e roubei-lhe o melhor brilhante que ela possuía. Era uma maravilha! Extraordinario de forma, de scintilação. Na manhã seguinte estava em Paris e lia nos jornais, no *restaurant* que ha mesmo em frente da Prefeitura, a minha façanha. Achei natural. Os pormenores estavam todos errados, como acontece nas grandes reportagens. Falava-se no personagem X, um galego natural de Leiria, a velha terra de Espanha. Não saber geografia é muito francês. O brilhante vinha descrito e descrita também a sua historia. Procurei nesse mesmo dia desfazer-me de tão preocupante tesouro. Recorri a varios joalheiros, mas logo que eles começavam a franzir a testa, dizia-lhes: «—É uma pedra falsa que desejava mandar encastoar». Eles ficavam contentissimos e descansados da minha declaração e, com um ar de orgulho, informavam-me que não aceitavam encomendas dessas. Percorri assim muitos joalheiros. Cheguei mesmo a ir a algumas casas de penhores, mas ninguem queria comprar a pedra como brilhante!

—E depois...

—Foi a pior aventura da minha vida. Fiquei roubado. Roubadissimo para não ser preso! Tive que cortar o brilhante, que me dera tanto trabalho a roubar, e vendê-la como banalissimo cristal, a 20 francos cada pedaço. Não tem esta historia um sabor de paradoxo? Aquela pedra era uma fortuna, em que ninguem acreditava, nem eu proprio, que tive de me desfazer dela, impingindo *lebre por gato*, quando toda a gente faz o contrario. Foi o que o senhor hoje me fez, quando ia no carro electrico: roubou-me quando o roubei. O senhor é que devia ser preso por me ter enganado, e não eu por o ter roubado. Percebeu?

Dr. Gonçalves Teixeira



O chanceler dos chanceleres
ou um diplomata que não é incompatível com a politica

Reporter policial.

C. M. L.!

Lisboa vai transformar-se e, segundo ahi se diz, em breve pode igualar-se quer a Londres ou Paris.

A tal ponte sobre o Tejo vai agora desta vez e estou certo que inda a vejo pronta para o fim do mês...

Já estão a Lisboa a furar p'ro tal Metropolitan, que se deve inaugurar, talvez, para o fim do ano.

Vai a Camara não se poupa em vestir, num casto arranco, O Frontão com guarda-roupa do mestre Castelo Branco.

P'ra Rotunda vai um muro de tão altas dimensões que não ha nenhum maduro que ali faça rev'luções!...

Sem o mercado-chiquetro, fica o Aterro tal qual, Li no Rio de Janeiro, A Avenida Marginal!

Mas um caso que me fica sempre na bola aos virotes, —E' o elevador da Bica ser feito com dois caizotes...

E o centro d'Avenida?!... Bom trabalho e que pachorra! Pena é não estar concluida aquela obra de bórra...

Antonio Ferro-velho.

«O Riso do Sul»

Os ferroviarios do Sul e Sueste teem um orgão humoristico *O Riso do Sul*, que periodicamente nos visita e é redigido com muita graça.

Recortamos um pedaço, cuja graça não é forçada e resulta do proprio facto.

«Um assinante enviou-nos copias de dois telegramas de serviço, cujo teor reproduzimos:

«Barreiro a Vila Real, chefe, n.º 469:—Peço informes por esta via qual o destino que o factor Machado deu a uma cadela que o revisor do comboio 5, de 4 do mês passado, lhe entregou nessa estação. —O chefe de secção, J. Ferreira.»

A resposta:

«Vila Real a Barreiro.—Sr. Chefe de Secção: Cadela fugiu ao sair da carruagem, não sendo possível apanhá-la.—Machado.»



—Toma cuidado, olha que não resisto a esse fogo.
—Depois de dois divorcios... é facil apagar qual... incendio...

«ON REVIENT TOUJOURS»

CARTA

a um filho da urna
que está de esperanças...

Meu caro Alberto:

Ainda to estou a ver, no teu fau-teuil de deputado—pai da patria e filho da urna como todos os que contigo mamavam no se' da representação nacional—clamores contra o perigo que se avisinhava a passos largos:

— Os reaccionarios manejam na sombra! Prepara-se uma dictadura tenebrosa. Torquemada e Santo Inacio de Loidola estão-se dando as mãos para esmagarem a Liberdade com as botas altas dos caserneiros! O que vem ahi é uma t'rania feroz que não deixará podra sobre pedra...

Habitado a verificar que o que tu e os teus companheiros de labuta—passe o eufemismo—diziam sobre os estrados de pinho dos comicios, ou sobre o veludo da Camara, não passava de musica celestial, sosseguei o meu espirito e preparei-me para assistir aos acontecimentos.

E afinal—não aconteceu nada. Ou antes: não aconteceu nada do que tu e os teus pares—se assim se pode chamar aos da Camara baixa—apregovavam.

O que vocês anunciavam como uma tre'edia, não passou afinal duma ligeira opereta, cheia de episodios interessantes: primeiro, a marcha sobre Lisboa, com a massa cinzenta dos uniformes, o tilintar das medalhas e das espadas, o ruido dos canhões—nas estradas; depois, as *piadas* deliciosas do nosso general Gomes da Costa; e, por fim, a parte cinematografica de todas as operetas: as mutações rapidas e inesperadas que inspiraram ao Sleno aquela admiravel caricatura: «A' las 8: general Gomes da Costa; á las 10: general Carmona; á las 11: general satisfacción...»

Escusam vocês de espalhar pelos cafés que este governo é incompetente, que só tem feito disparates, que ain-

da não pôs em execução aquelas medidas urgentes que só a dictadura podia realizar. Escusam vocês de encher a cidade de papelinhos inimigos do ministerio e das regras gramaticais, a que todos nós damos o destino que merecem.

O povo não se incompatibiliza com isto—pelo menos enquanto se lembrar do que estava antes disto...

Falam vocês em moralidade. Mas ainda nos lembramos todos de que no vosso tempo era como manteiga em nariz de cão.

E a Liberdade? Ai, ricos tempos dos assaltos aos jornais, das *fitas* da Policia de Segurança do Estado para meter na cadeia os inimigos do governo, das agressões aos talassas, das torturas aos presos, das longas incomunicabilidades nas casamatas e nas cavalariças!...

Agora, estes tipos são uns marotos! Imaginem que o menos que fazem a uma pessoa que se prove que está a conspirar é mandá-la passar até ás ilhas, em primeira classe, e dar-lhe uma subvenção. Que tiranos!

Só ha uma coisa para que não vejo motivo: é para chamarem a isto dictadura. Se ela é tão doce, tão mole!...

Na carta que me escreveste só ha uma coisa em que te dou razão: é no que se refere a estes tipos não terem feito quasi nada. Mas não achas preferivel isso a que façam asneiras?...

Az de Espadas.

P. S. — *Sursum corda!* Depois de escritas estas linhas, li que o governo pensa em fazer eleições e em constituir um Parlamento! Voltamos, pois, ao regime do carneiro com batatas! Que sorte que vocês teem! E que razão tinha aquele democratico que no dia 28 de Maio aconselhava aos seus correligionarios: «Não se noxam! Não lhes mexam!»



... Quando já tinha a trouxa feita, apareceu-me a dona da casa...
— E depois?
— Fez um banzé medonho! Disse-me tantos palavrões que a ameacei com a policia... Era obra para três contos de multa!...

O OUTONO

Antologia dos escritores da nova geração

Em resposta á circular do *Sempre fixe*, convidando os escritores da nova geração a traçarem, em poucas linhas, uma evocação do Outono, continuamos enriquecendo a nossa antologia, publicando as cartas que nos foram enviadas:

«As folhas:—as palidas folhas:—de Outono: — expatriaram-se das arvores e faziam:—em volta de Berenice: —um tapete:—envenenado:—palpitante:—de saudade:—em que Afranio surgisse:—trazendo no rosto a visão:—granguinholesca:—da morte:—morte que enlaçasse como lampada votiva:—o ultimo clarão de esperança:—decapitada.»

Ferreira de Castro.

«A pastorinha morreu no Outono. E o Outono é o proprio enterro da pastorinha.

Outono volta cada ano, e a pastorinha é Nossa Senhora nas ermidas.»

Almada Negreiros.

«Que saudades eu tenho do «Colete encarnado», do carrascão de Torres e das esperas de touros, com galderias de chinelinha na ponta do pé e fadistas de melena empomadada, fazendo vibrar a alma nacional, ao som da banza, ras madrugadas palidas de Outono, integralizando assim o espirito da Raça...»

Felix Correia.

«O Outono é o sol, como um inteligente *amateur-en-scène* a dourar caprichosamente ás nuvens para fazer-se admirar incondicionalmente.»

Vitoriano Braga.

«Sonho-me á luz do Outono um rei de thastinapura, revolvendo nas mãos debeis de efebo lirial, punhados de lycurios e anfishenas, e erguendo na mento oriental e irisador architecturas nevroticas de sonho irreal que se masculizam em negras epopeias malditas.

Vós, que sois os epigones da alma luziada, erguei nas mãos flebeis o cyatho dourado e bebei por Apolo.»

Antonio de Cértima.

«Realizou-se ontem a tradicional aparição do Outono.

O acto, que foi muito concorrido no Estoril, foi abrilhantado por um eximio pôr do sol.»

Belo Redondo.

HOMENS FUNESTOS



—Vou-me divorciar. Detesto os maridos retrospectivos.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

NAO ha fome—que não dê em fatura. Actualmente estão funcionando todos os teatros de Lisboa, á excepção do S. Carlos, que ainda esta temporada terá uma companhia lirica.

Dantes, para justificar a crise do publico, os artistas falavam em crise dos elencos. Agora, que se constituíram companhias a torto e a direito, com uma ou duas figuras á cabeça, ha quem pretenda suggestionar o proximo, levando-o a atacar o teatro de revista.

E' um erro, um crime e uma banalidade. Temos três teatros de revista, indo um deles, o Variodades, fechar para a comedia. Quer dizer, ficamos apenas com dois, o que não é suficiente para os artistas que esse genero tão querido do publico emprega. A par disto, ha cinco companhias de declamação em Lisboa, o dobro do ano passado, três teatros de comedia musicada e varias *tournees* na provincia.

A desproporção é grande—e pode ser fatal, muito embora a epoca se anuncie brilhante de resultados materiaes.

Se assim é—porque não deixar viver o visinho, atribuindo-lhe futuros fracassos e criticando acerbamente autenticos valores? Que cada um cumpra o seu dever. O mal para as companhias de declamação—não está na revista; está na sua multiplicação!

ERICO Braga anda agora a estuclar num diario do Porto o papel de jornalista elegante, que é detestavel, como podem benevolmente apreciar:

«Eu adoro os meus Melachrinos e sofro quando morrem no meu cinzeiro. E' sempre um enterro de primei-

ra classe, porque é de prata o meu cinzeiro.»

Em verdade, isto não é literatura, é o funeral dum literato incipiente.

R. I. P.

O NOVO jornalista dramatico X., que debutou num jornal do Porto com notavel relevo, desdenha o tabaco francès, que em regra é usado pelos que trabalham na imprensa.

Deve ser odio do tempo em que andava ás *beatas!*

O MARIA VITORIA vai pôr brevemente em scena uma revista intitulada *Tarifa I*. Dizem-nos que, a partir de Janeiro, um dos *chauffeurs* do carro, tão barato na condução, é o actor Nascimento Fernandes.

Depois é que se ha de vêr quem está *destrenado...* quem fica *destroado* ou quem anda... *desmiolado*.

HA um empresario que tem a mania de comprar todas as peças estrangeiras que os seus colegas querem representar. Certo autor que tem mais peças do que successos avistou-se com o empresario em questão, sobraçando duas duzias de originaes.

Disse-lhe:

—Tenho aqui originaes de genio. Se não os compra já, tenho freguês—o insinuou um nome.

—Imediatamente! E até dou mais! Deu... e perdeu.

O NOSSO camarada Norberto do Araujo dá-nos este ano, no Gimnasio, a sua peça *Novela do Amor Humilde*.

Embora o romance já seja conhecido em duas magnificas edições, esperamos que a peça tenha tantas representações como de exemplares vendidos.

O TEATRO Apolo, onde o sol sempre nasce, vai dar-nos brevemente a opereta *Mouraria*.

Como o Lino Ferreira é o autor, devemos-lhe perguntar:

—Então deixaste a *Severa* no Nacional e foste bater o fado para a Mouraria?!

O MENDONÇA de Carvalho estreia-se ainda este mês, no Variodades, com *Era uma vez uma menina...*

E' caso para dizer, no fim da exploração, se a temporada fôr feliz:

Casaram-se e tiveram muitos meninos.

ALVES da Cunha vai esta semana fazer o *Homem e os seus fantasmas*.

Espiritismo, hospital dos doidos, bars de Paris, espectros, seduções, paisagens de neve, incendios,—o mais que se não diz sem pedir licença a Lenormand e ao autor da secção, que traduz a peça.

A ESTRELA Lina Demoel, que está trabalhando no teatro Republica, do Rio de Janeiro, fez no dia 12 a sua festa artistica, com o «31». Casa cheia, muitas palmas e inumeros brindes.

Comentario dum espectador, encantado com o trabalho da artista e o resultado material da festa:

—A Lina é um bom numero de lotaria. Sai-lhe sempre a sorte grande. Agora foi o *trinta e um!*

RAMADA CURTO abandonou a politica e dedicou-se ao teatro. Para este ano tem duas peças: *Noite no Casino* e o *Caso do Dia*.

Este ultimo titulo parece-nos simomatico e parlamentar. Ha quem diga que se trata duma interpelação ruidosa, fogsamente conduzida pelo interpelante.

Esperemos que a companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro, isto é, o ministerio, dê todas as explicações ao *leader socialista*.

CONTA Ilda Stichini:

—Na *tournee* que este ano fiz á provincia levei os *Filhos*. Como sabe, faço um *travesti*, tendo até, para tornar mais completo o personagem do rapaz, cortado os cabelos.

Em Setubal, quando viram a minha effigie no cartaz, um espectador esclareceu:

«—Ah! Já sei! E' a mulher-homem!»

Em Leiria, o caso foi diverso. Um medico da terra, muito culto por sinal, dizia ao outro dia, no café da terra:

«—Sim, senhor! Um belo garoto com muito talento. Quantos anos tem... 15, não?»

Numa cidade do norte, um campio a fingir de esperto:

«—Aquilo não é uma mulher; é um rapaz. Cortaram-lhe os cabelos á menina para não se perceber.»

O Homem das 5 horas



—Se vieres depois das onze horas, não te abro a porta.

—Que grande patifol Trez horas da manhã e ainda não veio...

—Não tens vergonha de vir a esta hora?
—Então, não venho entre as dez e as onze?

CANÇÃO NACIONAL

Os fados dos bairros

O fado de Alcantara

Mote

Se não me falha a memoria,
viu Alcantara, horas infindas,
o olhar da TRISTE FEIA
vencer as ALEGRES-LINDAS...

Glosas

Foi Alcantara uma vila
grande, pela nomeada,
por Lisboa acompanhada
como fosse uma pupila.
Hoje é bairro que scintila
co'a riqueza que o rodeia,
muito embora ele se creia
pobre e, p'las «Necessidades»,
não luzir já «Magestades»
e não me falha a ideia.

Teve margens, viu o mar
da manhã ao pôr do sol,
também teve o seu farol
p'ro barquinho se guiar.
Houve quem visse o espraçar
das suas ondas tão lindas,
que eram como boas-vindas,
pois, junto aos nossos avós,
o Tejo a correr veloz
viu Alcantara, horas infindas...

Em Alcantara existe a fama
da mulher nos despertar
co'a ternura do olhar,
do amor a ardente chama.
Mesmo áquele que não ama
quanto coração se atea,
quanta paixão se incendia
nesse bairro, o relicario
dum olhar 'straordinario,
o olhar da TRISTE FEIA!

Tem um rio com areias,
valioso como o ouro,
semelhante a um tesouro
que o fa zvirer sem peias.
Quanto a raparigas feias,
num segredo que não guindas,
sem questões ou desavindas,
tem a FEIA a habilidade
de com triste ar de bondade
vencer as ALEGRES-LINDAS!

José Barbosa.

No proximo numero:

O fado de Belem

Teatro antigo



—Oh! mamã! Aquilo é algum ho-
mem do Ba-Ta-Clan?
—Não, filha! E' Adão na primei-
ra revista do Paraizo.

A NOVELA DO "FIXE"

O OLHO DO MEDICO

Esta novela (já muito antiga) não diz respeito, de fórma alguma, a qual-quer dos discipulos do saudoso mestre Souca Martins, dentre os quais, um, segundo se diz, seguira com tanta atenção as lições do mestre que chegou a ter as honras de Principe da Observação.

Este caso pasou-se com um outro medico, que era quasi sempre acompanhado pelo seu ajudante, quando de diagnosticos, para o lançar no negocio da medicina.

Chamado á pressa, porque um dos seus doentes piorara, lá foi com o seu discipulo a casa do paciente:

—Sr. doutor, diz-lhe este, eu estou muito pior.

—Pudera não estar pior!—diz-lhe rapidamente o medico.—Está pior porque não fez caso da dieta; o senhor comeu azeitonas.

—Azeitonas! diz o doente.

—Sim senhor, comeu-as.

E, voltando-se para o discipulo, disse-lhe com ar de lição:

—Meu amigo, aprenda. Veja a ra-

—Ora como foi?!... Facilissimamente. Escute: a primeira coisa que um medico deve fazer, assim que chega ao quarto de um doente, é olhar para tudo:—moveis, teto, paredes e chão. Assim, quando chegámos, eu vi logo, debaixo da cama, uma porção de caroços de azeitonas. Percebeu?...

Ora dá-se o caso que, semanas depois, o assistente e bom discipulo de tal mestre foi chamado á pressa para uma doente que estava com uma forte dor nos intestinos.

Chegar ao quarto e olhar para tudo foi obra de um momento.

—Então de que se queixa, minha senhora?

—Sr. doutor, tenho uma forte dor aqui sobre o ventre, e um inchaço...

—Não diga mais, já sei o que foi. A senhora comeu palha...

—Palha!!! O que diz o doutor?

—Comeu palha, sim, minha senho-

ra.

—O doutor está a brincar?!
—O meu olho não me engana, e de



pidéz—o aqui é que está a perspicacia do medico—como eu vi logo que este homem comeu azeitonas...

—Mas...—diz o doente, interrompendo.

—Não ha mas nem meio mas. Como é que queria melhorar quando, com leite, misturou azeitonas novas?!

E, como se encontrasse presente a esposa do doente, observou-lhe:

—Minha senhora, tem que fazer o sacrificio de não abandonar o seu marido para ele não fazer asneiras.

—Mas eu nunca deixei de estar ao pé dele, a não ser quando...

—Acredito, mas é que, enquanto V. Ex.ª se levantou, por qualquer motivo, o doente comeu azeitonas... Leite, muito leite é que é preciso.

Na escada, o discipulo, entusiasmado pela perspicacia do mestre, não pôde deixar de lhe mostrar a sua admiração, dizendo-lhe:

—Meu caro professor, faculdades como as suas são tão raras que até me dá vontade de deixar de ser medico. Como é que o mestre, mal chegou, viu logo que o doente tinha comido azeitonas?

resto não admira: no caso em que V. Ex.ª está, isso acontece. São desejos... mas não coma mais palha, que pode fazer mal á criança.

—Qual criança!... Eu não sou casada.

—Isso não é uma razão porque, quando nasceu o meu primeiro filho, eu ainda era solteiro...

—Que desafôro! O doutor insulta-me depois de me ter dito que eu comia palha?!...

—Olhe, minha senhora, sabe o que lhe digo? E' que não confirmo o segundo diagnostico porque não sou medico parteiro, mas com respeito á causa da dor, não retiro o que disse: a senhora comeu palha!

—Eu?!?!

—Sim, minha senhora, julga que eu sou cego. Então eu não vejo aqui, debaixo da cama, os restos dela?...

E saiu triunfante, a lembrar-se do caso das azeitonas do mestre o sem se aperceber de que o enxergão da doente estava róto...

Reporter B.

Antologia moderna

E' esta a posição mais bem escolhida...
A mais encantadora e natural
Viver na posição horizontal
De costas para a vida



CANÇÃO NACIONAL

Fado da sopeira

Mote

Nunca digas a ninguem
A quem deste o coração...
Quem dá o melhor que tem
Quasi nunca tem razão.

Rui Chianca.

Glosas

Como és bonita e solteira
E como eu sou solteiro,
Propuz-me ser o patrão
De tão galante sopeira.
Aceitaste, de maneira
Que tudo corria bem...
O que se passa, porém,
Entre nós dois, ó Maria,
A não ser á tua tia,
Nunca digas a ninguem.

Sabes que eu quiz num festim
Teus anos comemorar,
Tanto, que mandei comprar
Coração, figado e rim.
Fez-se o petisco e por fim
Protestei, mas com razão,
Rim e figado, com pão,
Deste-me tu a comer,
Falta-me agora saber
A quem deste o coração.

Entre nós dois ha um guita
A quem levar o farnel!
Ingrata! E dei-te um anel!
E um anel todo catita.
Dessa oferta tão bonita
Tive em paga o teu desdem!
Maria, ouve-me bem,
—Não é por ser teu patrão—
Mas merece uma afeição
Quem dá o melhor que tem.

Juras que não tens namoro,
Que não me foste infiel,
Para mim esse arranzel
Não passa dum desafôro.
Vens num copioso chôro
Dizer que é difamação,
Mas não te acredito, não,
E principalmente agora,
Que a sopeira, quando chora,
Quasi nunca tem razão!

João Pisco.

Pintura impressionista



Um delicioso "pastel" ... de carne



No domingo passado, o foot-ball lisboeta foi governado por Sua Magestade El-Rei Empate. Só os *leões* sacudiram a juba a tão antipática ditadura.

O Sporting conseguiu assim o milagre do ganhar com os quatro desafios de primeira categoria...

Lá diz o dictado:—Na Terra do Empate quem ganha por um *agalo* é rei!

* * *

O Belenenses-Vitoria foi uma exibição essencialmente culinária. Os *dianteiros azul e branco* apresentaram uma esplêndida receita para fazer: *marmelada de akeeper*. E Ilidio Nogueira, por seu turno, mostrou como se faz uma *arbitragem papa-assorda*...

O publico deu mostras do não ter gostado da caldeirada...

No campo da Tapadinha, o Carcavelinhos e o Sporting andaram *tapadinhos* de todo...

Um espectador, referindo-se ao trabalho das linhas de ataque que vira trabalhar, dizia:

«—E' espantosa a tendencia que os *dianteiros portugueses* teem para o hipismo! A correr: são uns cavalos! E a jogar: são uns burros!!!

* * *

Anuncia-se para breve uma prova automobilista do quilometro lançado.

Cá esperamos ver a cronometragem continuar a ser o bode expiatorio mais cotado, entre os varios bodes e outros animais que costumam servir para os *tempos interiores*...

Na ultima prova desse genero, organizada no Porto, dizem alguns concorrentes que até houve velocidades a menos e a mais, conforme a simpatia dos cronometros, que estavam nesse dia com os *ponteiros aluados*...

* * *

Conforme o que diziamos no ultimo numero, o protesto apresentado pelo Benfica sobre o seu encontro com o Carcavelinhos lá seguiu para a Federação Portuguesa de Foot-ball Association.

Antes da direcção da A. F. L. ter tomado tal deliberação, dizia-se que os *chocolates*, cas) o desafio fosse anulado, a derrubariam em assembleia geral.

Igual proposito se attribuia aos *vermelhos*, no caso de decisão contraria...

E afinal, como os directivos da Associação souberam muito habilmente sacudir a agua do capote—ficaram ambos os partidos furiosos.

Um ex-presidente da A. F. L. com-

QUADRAS FOOTBOLISTAS

Imitação das quadras populares

Eu sou: bola. Tu: balisa.
Qual de nós será mais firme?
Eu, como bola, a chegar-me;
ou tu, balisa, a fugir-me...

■ ■ ■

Os «players» do Casa Pia
são uns «trafulhas» de Angola.
De Angola: — por serem negros.
«Trafulhas»: — jogando a bola.

■ ■ ■

Quem inventou o dinheiro
não soube bem o que fez...
Fez a palavra mais triste
do «amador» português.

■ ■ ■

Se os «goals» espigassem
como espiga o alecrim,
as balisas do União
eram perfeito jardim.

■ ■ ■

Eu quero que o meu caixão
— disse eu á D. Adelaide —
tenha uma forma bizarra:
a forma dum «off-side».

ROCHA.

MARINHA... A' AMERICANA



«Gene Tunney, o recente campeão do mundo de box, foi promovido a tenente de marinha».

(Dos jornais).

—Olha lá! Aquele tipo não era fragateiro?
—Era... Mas depois que deu um sêco num arrais, foi promovido a almirante...

para a Associação a um viuvo, empregado publico e pai de muitos filhos. Estes nunca se entendem—e passam a vida a dar taponas uns nos outros. De longe em longe, estão de acôrdo. E quando isto, excepcionalmente, acontece—trata-se sempre de dar uma tarcia no pai...

* * *

Um confrade americano traça no *New-York Herald* a carreira do famoso *boxeur* negro Sam Langford—e conta, a proposito, varias anedotas. Muitas delas são já conhecidas, mas a seguinte parece-nos inédita:

Diz respeito ao combate que, ha uma quinzena de anos, o terrivel Sam foi fazer a Londres, com Iron Hague—um inglês de quem os compatriotas diziam ser: uma fera...

Um americano, falando com Langford um pouco antes do *match*, citou-lhe o perigo que para ele havia em o arbitro ser inglês. O negro respondeu, a sorrir:

«—E'-me indiferente, porque eu trouxe comigo o meu proprio arbitro.»

«—Que quer você dizer com isso?»
E Langford mostrou-lhe, sem acrescentar palavra, o punho direito cerrado... o formidavel.

* * *

Conta o ultimo *Merry Magazine* esta anedota automobilista:

O indicador de velocidade atinge os 130 kilometros á hora. O passageiro dá sinais de nervosismo e, voltando-se para o *chauffeur*:

«—Não pode abrandar um pouco?»

«—Porquê? Tem receio?»

«—Oh, não! Mas não gosto de estar tomando vantagens desleais sobre a minha companhia de seguros de vida.»

* * *

Num exame de candidatos a juizes de campo do foot-ball, um examinado está prestando provas brilhantes.

Um dos interrogadores, pretendendo fazer uma pergunta cheia de dificuldade, sai-se com esta maravilha:

«—Como o senhor sabe, a bola é fechada com um atacador de sola. Imagine que o atacador sai para fora. E suponha que um avançado, aproveitando essa circunstancia e segurando entre os dentes o atacador, corre com a bola assim suspensa e entra nas rédes contrarias. Valida o ponto obtido por essa forma?»

«—Sim, senhor! Valido o goal e mando aqumimar o jogador.

Rebola-A-Bola.

O penteado atravez dos tempos



O programa do "Fixe" e as terras portuguesas

O *Sempre fixe* tambem tem o seu programa, um programa que pode ser alterado por qualquer motivo imprevisto, como todos os programas. O correligionario *Az de Espadas* já publicou o projecto da lei das incompatibilidades, incluido no programa *Fixe*. Hoje continuamos a fazer a publicidade do nosso programa com o projecto que vem pôr em ordem, e a claro, a confusão de nomenclatura das terras portuguesas, motivo de graves incoerencias que queremos evitar.

Com esta exposiçao do nosso programa pretendemos obter adesões por um processo simples, altruista e desassombrado: as pessoas que concordarem com o nosso programa podem enviar-nos em vale do correio a importancia da assinatura que queiram fazer do órgão do partido: o *Sempre fixe*.

Começaremos por Lisboa. A capital deixará de ser capital, por deferencia com *A Batalha*. Portanto, abaixo o capital e abaixo o Lisboa, que está errado e devia ser Lisbon, como dizem os estrangeiros, que sabem muito bem que se trata duma homena-

gem ao deputado por Leiria e ao rio Liz, que é masculino.

Ainda que se tratasse da flôr de liz, como pretende o *Correio da Manhã*, o que explicaria o feminino, devemos concordar que só por ironia se pode chamar bóa, como simbolica da flôr simbolo, a cidade da Rotunda e da «Brasileira». Mais se transfere a capital para Freixo de Espada-a-Cinta, cá por coisas...

Na generalidade fica entendido que todas as terras portuguesas passarão a ser cidade, porque este decreto, quando nasce, é para todos, como o *Sol* do Dr. Celestino, e não faz sentido que só os habitantes da cidade sejam cidadãos, ficando na triste condiçao de vilões os naturais das vilas. Tambem são extintos os concelhos, uma vez que já não ha conselheiros, sendo apenas poupadas as sedes de concelho por ser obra de misericordia dar de beber a quem tem sede. Mais se acabam com os distritos para evitar os «distri... tu, direi eu».

Não mais se consentirão terras com apelidos de individuos, o que daria a impressao de predominio dos respectivos apelidados e de intuitos ca-

quistas. Exemplo: Mafra, Portela, Amieiro, Amorim, Avelanoso, Almada, Almeida, Amarante, Guimarães, Horta, Mira, Miranda, etc., etc.

A Albergaria, que tem funcionado na ex-Lisboa, regressará ao seu lugar proprio—Albergaria—e os albergados que lá não encontrarem abrigo irão para Abridada ou para Arcos de Val-de-Vez, porque uma vez não são vezes e debaixo daqueles arcos passa-se uma noite bem.

Acabam-se as frequentes distincões como: Aldeia Nova, Vila Nova disto e daquilo, Montemor-o-Novo e o Velho e outras certidões cronologicas de terras, sendo todas consideradas maiores d'idade, sem excepçao.

As designativas de côres, como Casa Branca, Amareleja, Alvaladia, Vila Verde, Vila Ruiva, etc., passam a ser todas verdes e encarnadas, que são as côres do regime.

As aquaticas: Aguas Boas, Aguas Frias, Aguas Santas e Aguafva, serão misturadas com Porto, Bucelas, Colares e Caravelos, solucionando-se assim a crise vinicola do ano que corre.

Pezo da Regua será destinada ás

escolas gerais do país, erradamento localizada numa rua entre S. Vicente e o Limoeiro, porque na escola é que se sente o pezo da regua.

Os recém-casados sairão de Igreja para Melgaço e depois para o Pombal.

Castanheira de Pera terá de optar por castanheira ou por pereira e Figueira da Foz passará a ser Figueira de Figos, que é como está certo.

Santa Iria, Santa Luzia, Santa Comba e Santarem serão separadas das respectivas Santas, em harmonia com a lei da Separaçao, passando a ser Iria, Luzia, Comba e Arem.

Desaparecem Coimbra, Colares e outras terras de raiz suspeita.

Belmonte ficará com o exclusivo das corridas de touros.

Aos funcionarios respectivos cumpre completar os casos omissos e executar este decreto á letra, sem chegar até áquele caso do homensinho que pronunciava Reguengos com todas as letras, isto para que lhes não respondam o que o outro respondeu.

Fixel

Perez-Lachaise

Profecia esperançosa

O governo americano prevê uma nova guerra mundial que não será travada em proveito de um só paiz mas sim da felicidade de todos.

(Dos jornais)



Felicidade completa!...